

# A Década do Cérebro

ESTADO DE SÃO PAULO

RAUL MARINO JR.

Em 25 de julho de 1989, o presidente George Bush assinou decreto que, transformado em lei pelo Congresso, consignou a nova década, a partir de 1º de janeiro de 1990, como a Década do Cérebro — convencidos que estão de que os progressos no entendimento dos mistérios do cérebro jamais foram tão grandes como nos últimos anos. A finalidade desse decreto foi focalizar a atenção dos órgãos governamentais num programa de planejamento e iniciativas do National Institutes of Health, o órgão máximo do governo americano para o financiamento de pesquisas nas áreas de saúde, e melhorar ainda mais os métodos de prevenção, tratamento e reabilitação das doenças e problemas que afetam o sistema nervoso, consequentes dos enormes progressos tecnológicos e terapêuticos conseguidos pelo florescimento das Neurociências nos últimos anos.

O presidente Bush e o Congresso proclamam, dessa forma, que, a partir deste ano, as pesquisas em Neurociências se tornam, obrigatoriamente, prioridade nacional. Para atingir esse objetivo já se desenvolvem programas e foram designadas verbas consideráveis.

Anualmente, mais de 50 milhões de americanos são vitimados por afecções que envolvem o cérebro, tais como derrames, trauma, tumores, epilepsias, infecções e uso de drogas. Estatísticas demonstram que os custos decorrentes do tratamento e reabilitação desses pacientes oscila anualmente em torno de US\$ 305 bilhões (o dobro da dívida externa brasileira!).

Na última década, os progressos da Neurologia e da Neurocirurgia foram tão grandes que uma bateria de novos recursos, como a tomografia computadorizada, a ressonância magnética, a magnetoencefalografia, a eletrencefalografia com eletrodos implantados, a tomografia com emissão de pósitrons, a cirurgia pelos raios laser e pelo ultrassom, vieram permitir o diagnóstico e o tratamento de lesões, tumores, epilepsias, e outros problemas com uma precisão inimaginável até há alguns poucos anos. Essas modernas técnicas, acopladas a sofisticadíssimos instrumentos estereotáticos, auxiliados por computador e geradores de raios gama, vieram permitir a abordagem de alvos situados na profundidade do cérebro e na base do crânio, antes inatingíveis pela neurocirurgia convencional. Isso significa também que tais intervenções vêm sendo realizadas com pequeníssima incidência de complicações, pois dispensam a abertura do crânio.

Além disso, os modernos conhecimentos de genética molecular têm fornecido conhecimentos essenciais à prevenção e tratamento das distrofias musculares, coréia de Huntington e outras doenças graves do sistema nervoso. Novos conhecimentos sobre o metabolismo das células nervosas têm aberto caminho para a prevenção, a cura ou o alívio de muitas outras doenças neurológicas, algumas delas já claramente passíveis de ser vistas pelo PET scanner, um tomógrafo que, em vez da imagem anatômica, nos permite ver a "função" das áreas do cérebro.

Os transplantados de tecidos heterólogos ou fetais no cérebro humano vieram revolucionar os conceitos de certas doenças neurológicas, como o mal de Parkinson, as epilepsias e certos tipos de demências, embora ainda estejam em fase experimental.

Podemos afirmar que, comparativamente ao observado em outras ciências, a área das Neurociências é a que tem feito progressos mais rápi-

dos em relação aos outros campos da Medicina. Alguns chegam mesmo a afirmar que fizemos nesse campo médico mais progressos nos últimos cinco anos que nos cinco mil anos de História da Medicina!

E no Brasil, aplicam-se essas afirmações? Infelizmente, ainda não. A medida que em outros centros parece ser vertiginoso o progresso frente a essas novas aquisições, nossos centros principais de pesquisa e atendimento parecem estagnados, a olhar, perplexos, para os infundáveis progressos que desfilarão ante nossos olhos ainda nesta Década do Cérebro.

A moderna Medicina, em nosso meio, apesar de seus brilhantes avanços, já criou uma situação bizarra, conseguindo prolongar nossas vidas sem, no entanto, prevenir as doenças do cérebro — como a demência senil, por exemplo, presente em 16% da população após os 65 anos de idade. As doenças cerebrovasculares situam-se, altaneiras, no topo da escala dos males, como as segundas responsáveis pelas causas de mortes, juntamente com as doenças cardiovasculares, o câncer e os acidentes rodoviários.

Num Estado pujante como o de São Paulo, existem menos de 600 leitos para doentes neurológicos (no Estado todo!), o que é suficiente para atender a apenas 3% da demanda.

Cerca de 80% a 90% dos pacientes do pronto-socorro do Hospital das Clínicas de São Paulo são pacientes neurológicos e de traumas cranianos, que inexoravelmente irão ocupar 90% dos leitos da Clínica Neurológica daquele hospital, bloqueando, assim, o acesso de outros

## No Estado de São Paulo existem menos de 600 leitos para doentes neurológicos

pacientes, que irão esperar meses ou anos para serem atendidos ou submetidos a uma intervenção neurocirúrgica, talvez tarde demais.

Não podemos atinar ainda com os fatos que levaram as Ciências Neurológicas a ocupar um lugar tão secundário entre as especialidades médicas neste Estado e neste País. O certo é que cada vez menos recursos são consignados para esse tipo de pacientes, que na maior parte das vezes são tratados em macas ou instalações pouco adequadas em todos os centros de atendimento, sem o benefício de uma terapia intensiva ou de cuidados indispensáveis à sua sobrevivência como seres humanos dignos, mercedores de nosso esforço e, ia quase dizendo, de nossa compaixão.

Enquanto noutros países se dedica toda uma década ao estudo desse órgão maravilhoso — a obra-prima da criação, o templo de nosso pensamento, a estrutura viva mais complexa, mais perfeita e certamente a mais importante de nosso universo, o mais belo instrumento jamais saído das mãos divinas! —, em nosso meio pouca importância se dá, não só ao melhor entendimento dessa estrutura, como também ao estudo e atendimento dos doentes portadores de afecções que o envolvem.

Se quisermos entender como o nosso cérebro funciona, ou como funciona a nossa TV ou equipamento de rádio, devemos estudá-los melhor quando estão em mau estado, ou "doentes". O paciente neurológico ou o paciente psiquiátrico, que sofrem de alguma doença que altera as relações normais entre os vários centros cerebrais, poderá gerar ri-

quíssimas informações sobre a organização básica do funcionamento do cérebro, se estudados em centros de excelência. As ciências do cérebro nos estão ensinando muito mais sobre nossa real natureza do que a maioria das disciplinas médicas. A fisiologia do cérebro é interessante, porém não mais que a fisiologia do rim ou do coração. É o que o cérebro faz que o torna tão misterioso e difícil de estudar, pois ele é o órgão do nosso pensamento, responsável por nosso comportamento, nossa consciência, nossas decisões, emoções e até mesmo nossa religião.

É nossa religião, nossa ética, nosso dever, nossa emoção, que nos faz separar parte do orçamento de uma nação ou Estado para que nossos irmãos, nossos familiares ou nós mesmos tenhamos, em caso de doença ou acidente, a atenção devida num leito hospitalar, sem precisarmos nos deslocar para outros países que já tenham conseguido melhores níveis de atendimento médico. Não seria justo, para com nossos irmãos e compatriotas, que estes corram perigo de vida durante semanas, aguardando atendimento médico mal acomodados numa maca de hospital, enquanto os responsáveis por esse status quo têm toda a liberdade de se deslocar para outro país e buscar melhor atendimento para si ou para seus familiares. O atendimento médico neste país deveria ser — como é para o médico merecedor desse cognome — uma das formas mais exaltadas de patriotismo; e só esse sentimento de amor à Pátria e aos semelhantes, unidos num espírito cristão, permite que a maior parte de nossos médicos e cientistas continuem trabalhando e, por incrível que pareça, produzindo cientificamente.

Não podemos continuar a ser apenas inertes repetidores de conhecimentos e trabalhos estrangeiros, ecoando e papagueando conhecimentos científicos e teorias que nossas instituições médicas não nos permitem pôr em prática. O Brasil e seus cientistas já estão hoje amadurecidos e em condições de se realizar cientificamente, executando trabalhos de pesquisa médica de nível comparável aos que lemos em publicações estrangeiras.

Nesta década, a Década do Cérebro, voltemos nossas vistas e nossa atenção para o cérebro humano, concitando todos os que a seu estudo se dedicam — neurólogos, psiquiatras, neurocirurgiões, neurofisiologistas, eletrencefalografistas, e tantos outros — a se congregarem em centros especializados onde se fale uma linguagem comum, a fim de melhor estudar esse maravilhoso instrumento através do qual o homem se revela a si mesmo e aos outros, nele executando a música da vida, com ele controlando o corpo e por ele sendo controlado pela alma. O médico de hoje precisa reaprender a ver seu paciente como um pedaço do mundo que está doente.

Talvez seja auspiciosa a notícia de que um grupo de professores da Universidade de São Paulo, juntamente com jovens cientistas que se dedicam a esse campo de estudos, estejam já empenhados em reviver a idéia de se construir um Instituto do Cérebro (criado pelo Decreto 47.304, de 5 de dezembro de 1966) no vigoroso campus do Hospital das Clínicas de São Paulo, seguindo, assim, a tradição de outros centros já consagrados daquela instituição, tais como o Instituto do Coração, o da Criança, o de Ortopedia, o de Psiquiatria e o da Mulher, ora em construção. Esperamos que nesta Década do Cérebro uma nova era também se inaugure nas Ciências Neurológicas e na Medicina brasileira.

Raul Marino Jr. é professor titular de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da USP